

Mercado de café fecha ano com bom desempenho

por **Cristina Borges**
do Rio

O mercado de café finalizou o ano com bons ganhos para todos os que trabalham com o produto. E 1995 começa com perspectivas ainda melhores, principalmente depois do primeiro trimestre, época em que as safras da Colômbia, países Centrais e mesmo a África já terão terminado a sua comercialização. A produção brasileira, que começa a ser vendida de julho em diante, traz estimativas de quebra expressiva, como consequência das duas geadas e da seca prolongada ocorridas este ano, em algumas regiões produtoras.

Que as cotações internacionais, em meados de 1995, alcancem dois centavos de dólar, por libra-peso, é uma previsão fácil de se encontrar no mercado. Há exportadores e operadores mais animados ainda, que contam com preços internacionais de até três centavos de dólar, no momento que anteceder à configuração de escassez de café. "Terminada a safra dos demais países produtores e sem pressão de venda por parte do Brasil, em face da pequena safra, a valorização das cotações será consequência natural", disse o diretor da Flavour Coffee, Flávio Ribeiro Jr.

O ano de 1994 não terminou sem que ficasse evidente que a melhor renda proporcionada com preços mais altos voltasse a colocar em confronto interesses opostos entre segmentos do setor cafeeiro. A indústria da torrefação e o comércio exportador já iniciaram uma disputa particular sobre a comercialização dos estoques governamentais. Os torradores defendem leilões dirigidos apenas à indústria voltada ao consumo interno sob o argumento de manter a estabilidade dos preços, como preconiza o Plano Real. Os exportadores, por sua vez, tentam a universalidade dos leilões, ou seja, acessíveis a todos os interessados, inclusive suas empresas, fornecedoras básicas da matéria-prima à torrefação, proveniente da "escolha" feita para a exportação.

Os critérios para os futuros leilões oficiais começam a ser discutidos na segunda quinzena de janeiro, em reunião do Comitê Brasileiro do Café (CBC) com os responsáveis pela questão dos ministérios da Fazenda e da Indústria, do Comércio e do Turismo. Até lá, a produção mantém uma posição independente, como disse o presidente do Conselho Nacional do Café (CNC), Manoel Vicente Bertone. "A discussão, agora, é inadequada e pode gerar problemas maiores antecipadamente. Sabemos que teremos de vender parte dos estoques oficiais, só que mediante critérios corretos quanto à época, ao preço mínimo, à transparência e à legalidade", disse ele.

Bertone é defensor da unidade entre os segmentos para que possam discernir melhor sobre a venda dos estoques, "sem cometer o erro de guardá-los ou de transferi-los aos países consumidores, em momento errado", destacou ele. O presidente do CNC revelou sua preocupação com a administração das vendas dos produtores, da próxima safra. "A produção será pequena e o aumento de preço pode não se refletir no aumento de renda; por isso é preciso haver austeridade na administração das vendas", acrescentou ele. O CNC iniciará um trabalho de conscientização junto a seus associados para realizarem vendas, sem interrupção do fluxo de comercialização, evitando buscar o preço máximo em favor de médias de preço que garantam boa remuneração.